RELIGIOSIDADE MAÇÔNICA: AS AMBIGÜIDADES DO SAGRADO

José Rodorval Ramalho¹

INTRODUÇÃO

A Maçonaria atua no Brasil desde o fim do século XVIII. Apesar de sua longevidade, de sua ampla implantação em território nacional, dos seus milhares de integrantes e até mesmo de sua presença (discreta, mas constante) na arquitetura urbana, pouco se ouve e pouco se discute, seriamente, sobre essa organização. Na imprensa, na academia, nos papos informais entre amigos, o tema aparece de forma sempre episódica, superficial e, quase sempre, gira em torno de preconceitos acerca dos rituais, dos segredos, dos objetivos, etc.

Uma das opiniões mais difundidas sobre a instituição maçônica é aquela que afirma ser a maçonaria uma conspiração secreta contra as religiões, sobretudo as monoteístas e, mais especificamente, contra o cristianismo. As imagens que acompanham essas especulações são compostas de rituais macabros, sacrifícios de animais, cultos a bodes, hóstias

¹ Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP), professor do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

apunhaladas e outros mais ou menos espetaculares. A natureza secreta da ritualística, o elitismo na escolha dos seus membros, a interdição à participação de mulheres, a vasta simbologia utilizada, a discrição como método de ação pública e algumas outras características peculiares à Ordem também ajudaram na consolidação e difusão de outras especulações. Entre os setores hostis à maçonaria devemos destacar a Igreja Católica, com quem a Ordem registra um longo e tenso embate, que começou em 1738 quando o Papa Clemente XII condenou a instituição e proibiu a participação de católicos. Desde então, foram publicadas centenas de documentos que atualizam a condenação original.

No Brasil, o episódio que ficou conhecido como a “Questão Religiosa”, em 1872, foi o momento de maior embate entre as duas instituições. Naquele momento, autoridades eclesiásticas, seguindo orientações de Roma, expulsaram alguns maçons de suas dioceses e, posteriormente, resistiram à ordem do Imperador que suspendeu a punição. Naquele episódio, que podemos encarar como um dos momentos mais significativos do processo de laicização do Estado brasileiro, quem venceu o embate foi a maçonaria.

Embora em alguns momentos históricos a maçonaria tenha se identificado com idéias e movimentos anticlericais, os princípios que regem a instituição não podem ser considerados anti-religiosos. Ao contrário, em seus documentos estão presentes valores que estimulam a pacífica e tolerante convivência entre os mais variados credos. Além disso, a Ordem procura deixar explícito nos seus documentos oficiais o fato de que não se considera uma religião e de que todos os seus membros devem ficar à vontade quanto a este tipo de escolha. Mas, se os maçons podem escolher livremente o seu credo e se os documentos da instituição afirmam de forma tão explícita a sua pluralidade religiosa, por que as críticas advindas dos mais variados grupos religiosos não cessam? Para responder a esta questão, formulamos uma hipótese segundo a qual, nos dias atuais, é a natureza ambivalente da maçonaria, e não o preconceito e a intolerância religiosa, que estimula as avaliações de que há uma religiosidade maçônica.

A seguir, apresentaremos algumas pistas que poderão ser úteis para a explicação do problema proposto. O universo empírico que servirá como

base para nossas formulações se restringe ao Grande Oriente do Brasil (GOB).² O percurso que faremos envolverá as seguintes questões: 1) uma breve apresentação da instituição – gênese e estrutura atual; 2) traços da religiosidade maçônica; 3) o espaço sagrado da maçonaria; 4) regulamentos maçônicos; 5) considerações finais.³

MAÇONARIA – GÊNESE E ESTRUTURA ATUAL

Os historiadores maçons costumam dividir a história da maçonaria em dois períodos: o primeiro, **operativo**, quando a instituição desempenhava, basicamente, atividades ligadas à arte da construção e estimulava princípios corporativos típicos do período medieval; o segundo, **especulativo**, quando a arte de construir já não era mais um critério para participar da instituição e foram admitidos indivíduos originários de outros espaços sociais. Esse momento **especulativo** é consolidado no início do século XVIII, na Inglaterra, com a publicação de regulamentos que constituirão o que vem sendo chamado de “movimento maçônico regular”.⁴ Estas regras são contestadas até os dias de hoje, mas em função de um razoável consenso entre alguns grupos acabaram por se consolidar e servir como referência para rituais, comportamentos e administração das Lojas. Apesar dessas divergências e disputas pela “tradição maçônica”, o fato é que a maçonaria (“regular” e “irregular”) tem se expandido pelo mundo inteiro, em todos os continentes, nos mais variados regimes (embora tenha enfrentado enormes dificuldades com regimes autoritários), em sociedades com níveis de modernização variáveis, em ambientes étnicos diversificados. No Brasil, as primeiras Lojas Maçônicas datam do começo do século XIX e logo se espalharam pela totalida-

² O GOB é a Federação Maçônica mais antiga do país, criada em 1822.

³ As formulações apresentadas neste texto constituem os resultados de um projeto de pesquisa, ainda em andamento, intitulado “Maçonaria: as ambigüidades do sagrado”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa – Tradição e Modernidade no Espaço Público Brasileiro – NPPCS/UFS.

⁴ Participam desse grupo todas as Lojas que se submetem às regulamentações da Grande Loja de Londres, também conhecida como Loja-Mãe.

de do território brasileiro. A estrutura de funcionamento da maçonaria, sobretudo na “maçonaria regular”, é semelhante em todo o mundo: os ritos, mitos, procedimentos de admissão, referenciais filosóficos, simbólicos, administrativos, etc.⁵

No Brasil, de acordo com sua autodefinição⁶, a Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica e progressista. **Filosófica** porque em seus atos e cerimônias, trata da essência, propriedades e efeitos das causas naturais; **filantrópica** porque não está constituída para obter lucro pessoal de nenhuma classe, senão, pelo contrário, suas arrecadações e seus recursos se destinam à filantropia e bem-estar do gênero humano, sem distinção de nacionalidade, sexo, religião ou raça; **progressista** porque, partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio regular e infinito, não se aterra a dogmas, prevenções ou superstições, não colocando nenhum obstáculo ao esforço dos seres humanos na busca da verdade, nem reconhecendo outro limite nessa busca senão o da razão com base na ciência. A instituição maçônica ainda afirma outros princípios, tais como: a autodeterminação dos povos, a igualdade de direitos dos indivíduos, a valorização do trabalho e a fraternidade entre todos os homens, já que seríamos filhos do mesmo Criador. Portanto, a partir de uma combinação própria entre Ciência, Trabalho e Justiça estaria a Maçonaria trabalhando para o melhoramento intelectual, moral e social da humanidade.⁷

Ao mesmo tempo, a Maçonaria é uma instituição secreta e iniciática, conseqüentemente, aristocrática; da qual só participam homens (pelo menos no “movimento maçônico regular”) alfabetizados, sem defeitos físicos, maiores de idade e com nível de renda suficiente para assumirem os custos da filiação à instituição. Instituição na qual a hierarquia está presente em todos os seus procedimentos, desde a estratificação em graus iniciáticos, até os vários níveis de luto quando da morte de seus integrantes.

A Maçonaria não tem uma trajetória linear nem tampouco compõe um corpo homogêneo em sua ritualística, opções políticas e religiosas. O

⁵ Cf. Castellani, 1995.

⁶ Autodefinição encontrada em vários panfletos de divulgação do ideário maçônico.

⁷ Cf. Constituição do Grande Oriente do Brasil, 1996 – GOB.

sentido da ação da instituição também varia ao longo do tempo. No Brasil do século XIX, serviu como espaço de sociabilidade republicana em todo o território nacional; durante boa parte do século XX tornou-se uma instituição com forte apelo esotérico; mais recentemente, desde a década de oitenta do século passado, tem atuado como espaço que combina uma ação política, esotérica e filantrópica. Enfim, é uma tradição constantemente reinventada. Alguns traços, no entanto, variam dentro de certos limites, entre outros: a sua continuidade como uma instituição iniciática, racionalista e filantrópica; a perenidade dos rituais e dos símbolos; a permanência de suas estruturas hierárquicas, podendo-se dizer o mesmo para o fundamental da sua estrutura administrativa; a consolidação e expansão de sua atividade em âmbito internacional; a observância de algumas regras contidas na Constituição de Anderson e os *landmarks* (conjunto de valores reguladores da atividade maçônica), sobretudo aqueles referentes à questão da regularidade. Atualmente, somente no “movimento maçônico regular”, existem mais de 5 mil Lojas em todo o país congregando, estimativamente, 250 mil maçons.

A RELIGIOSIDADE MAÇÔNICA

Uma das questões mais delicadas no diálogo sobre a natureza religiosa da maçonaria é a atitude, amplamente difundida no seu interior, de negar à instituição a condição de religião ou mesmo de qualquer filiação religiosa. Não discutiríamos adequadamente tal negação se partíssemos do pressuposto de que se trata de mero subterfúgio para evitar sua exposição pública, disputas no campo religioso ou mesmo para desviar “ocultas intenções” ali semeadas. Nossa atitude, aqui, será a de tentar compreender esta negação a partir das ambigüidades típicas de práticas e valores existentes na própria maçonaria. Da mesma forma que o cientista social não deve entender as práticas e valores do grupo pesquisado como um rol de equívocos ou insuficiências a serem corrigidas, também não deve, a priori, aceitar como seu o discurso construído pelos indivíduos pesquisados, sob pena de anular toda e qualquer função do discurso científico enquanto um modelo específico de compreensão da realidade.

Para tentarmos avançar na compreensão das ambigüidades maçônicas, comecemos por um dos poucos consensos construídos pela sociologia da religião, segundo o qual, o núcleo do fenômeno religioso é a operação de uma divisão estrutural entre o sagrado e o profano. Vejamos o que diz Durkheim na sua consagrada obra *Formas Elementares da Vida Religiosa*:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras **sagrado e profano**. A divisão do mundo em dois domínios, compreendendo, um tudo o que é sagrado, outro tudo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso (...) Mas, por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma **árvore**, uma fonte, uma **pedra**, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada. Um rito pode ter esse caráter; sequer existe rito que não o tenha em algum grau. Há **palavras, termos, fórmulas**, que só podem ser pronunciadas pela boca de personagens consagradas; há **gestos, movimentos** que não podem ser executados por todos (Durkheim, 1989, p. 68).

O jargão maçônico, descrito ao longo deste texto, é prolífico em expressões e polaridades do tipo “sagrado” e “profano”. A nomeação dos homens que não pertencem à Ordem como “profanos” só pode ser entendida no contexto dessa polarização que coloca os maçons no pólo sagrado. Pesquisas posteriores poderão nos esclarecer, especificamente, em que dimensão simbólica os maçons incorporam tal divisão na sua vivência no interior da Ordem, mas acreditamos não ser meramente como palavras “vazias”, pois os rituais, que não são meros jogos formalistas, têm, entre outras, a função de reestruturar a vida daqueles que dele participam. Para Durkheim, os ritos transformam *totius substantiae*, e as mortes rituais não existem por simples acaso.

Considera-se que algumas cerimônias apropriadas realizam essa morte e esse renascimento, que não são entendidos em sentido simplesmente simbólico, mas tomados ao pé da letra. Não é essa a prova de que entre o ser profano, que ele era, e o ser religioso, que está se tornando, existe uma solução de continuidade?⁸

Alguns autores maçônicos minimizam a linguagem utilizada no universo maçônico afirmando que eles operam uma resignificação das palavras e que, conseqüentemente, “sagrado” não significa sagrado; “templo” não significa templo; “consagração” não significa consagração etc. Convenhamos, este argumento não contribui para o debate por um motivo muito simples: essas palavras são carregadas de significado e repetidas com sentidos similares durante toda a história da instituição em vários lugares do mundo.⁹

Sem querer adiantar conclusões de uma discussão complexa e ainda em andamento diremos, apenas, que a impressão de quem observa o universo maçônico é de estar diante de uma organização que opera de forma semelhante a uma instituição religiosa através de linguagens, ritos, mitos, espaços, vestuário e até mesmo de uma divindade específica. O fato do discurso maçônico não considerar a Ordem como um grupo religioso acaba por criar um desafio a mais na pesquisa, pois neste momento os modelos de explicação e auto-explicação do fenômeno podem se chocar e reforçar antigas discussões sobre as possibilidades e limites do modelo “nativo” e do modelo científico.

Uma reflexão mais aprofundada sobre dois aspectos da instituição maçônica – o espaço sagrado e a legislação – pode nos indicar alguns caminhos que nos possibilitem compreender algumas razões dessa ambigüidade que vem suscitando, há séculos, a atenção de alguns estudiosos.

⁸ Idem Ibidem. p. 71

⁹ Mesmo autores sofisticados, como é o caso de José Castellani, não avançam na discussão sobre essas ambigüidades no interior do movimento maçônico.

O ESPAÇO SAGRADO DA MAÇONARIA - TEMPLO IDEAL E MATERIAL

Venerável: Para que nos reunimos aqui Irmão 1° Vigilante ?

1° Vig.: Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros; glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade LEVANTANDO TEMPLOS À VIRTUDE E cavando masmorras aos vícios" (De um Ritual Maçônico).

Para levantar "templos à virtude" e "cavar masmorras aos vícios", como se refere o "Ir. 1° Vigilante", a lei maçônica indica que todo esse combate deve ser desenvolvido em reuniões e lugares adaptados para tal finalidade. Essas reuniões são denominadas de "trabalho de Loja" ou "Oficinas" e ocorrem no Templo (em situações extraordinárias, também em local adaptado). É nesse espaço sagrado, separado do mundo, inacessível aos profanos, que os maçons realizam as suas sessões, em todos os graus. Estas sessões podem ser: ordinárias ou extraordinárias, administrativas, iniciatórias, magnas, de instalação, de instrução, de famílias, acadêmicas, fúnebres, brancas, etc.

As sessões, também chamadas oficinas, são caracterizadas por uma cor, correspondente à do cordão usado pelos maçons que as compõem: **Oficinas azuis** (ou simbólicas) – agrupam os maçons do 1° ao 3° grau; **Oficinas vermelhas** (ou Capitulares) – são os Capítulos que agrupam os maçons do 4° ao 18° grau; **Oficinas negras** (ou filosóficas) – são os Areópagos ou Concílios, que agrupam os maçons do 19° ao 30° grau; **Oficinas brancas** – são os supremos tribunais para o 31°, os Consistórios para o 32° e o supremo conselho para o 33° grau. É importante realçar que todas essas oficinas podem ocorrer no mesmo templo, o que varia são os participantes e, conseqüentemente, os rituais. Por exemplo, numa sessão para obreiros do 3° Grau não podem participar os aprendizes e companheiros.¹⁰

¹⁰ Cf. Figueiredo, s/d. Os comentários que se seguem dizem respeito somente às chamadas Lojas Azuis, aquelas que agrupam os três primeiros graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre) ou Lojas Simbólicas.

Essas edificações, quase sempre discretas no seu exterior, construídas invariavelmente sob estrita observação da tradição maçônica, abrigam no seu interior toda a simbologia necessária para o pleno desenvolvimento do processo iniciático: colunas, altares, frases, utensílios, emblemas, painéis, bandeiras e muitos outros elementos que compõem a ritualística da Arte Real.¹¹

A descrição e análise de um templo maçônico, seus rituais, usos e costumes naquele espaço se constituem numa tarefa extremamente complexa e exigem muito mais do que a análise de textos, desenhos e fotografias para levar a cabo a tarefa, embora estes elementos nos dêem uma idéia aproximada daquele espaço. O fato é que após visitarmos alguns templos maçônicos, pudemos verificar que a existência de alguns manuais de construção de templos não evita uma variação significativa na execução das obras. Tais variações ocorrem, provavelmente, em função de interpretações distintas das instruções, do nível econômico do grupo de maçons, da localização urbana do templo etc. Portanto, os principais elementos que constituem o "espaço sagrado" dos Filhos da Luz, estão à mercê de algumas interpretações dos maçons.

O templo maçônico apresenta, regularmente, a forma de um quadrilongo, representando suas paredes os quatro pontos cardeais. A única porta, dando comunicação com o exterior, situa-se na parte do ocidente, a meia distância entre o norte e o sul. Ao fundo, ocupando um terço do comprimento, está o oriente, em nível mais elevado e que se chega subindo por quatro degraus. Separa o ocidente do oriente uma balaustrada, tendo no centro uma passagem; próximas da porta de entrada elevam-se duas colunas, à direita de quem entra fica a coluna J e à esquerda a coluna B; ao longo das paredes laterais, pintadas ou em relevo, erguem-se doze outras colunas, seis de cada lado e equidistantes entre si, representando os doze signos do zodíaco; sobre essas doze colunas, circundando o templo, uma corda com 81 nós também equidistantes entre si; no meio do assoalho do ocidente encontra-se o Pavimento Mosaico, de forma retangular, composto de quadrados alternadamente pretos e brancos, cercado de uma orla den-

¹¹ Uma das antigas definições da maçonaria.

tada, tendo desenhado uma borla preta em cada um dos seus ângulos e nos extremos dos seus eixos principais estão gravadas as letras correspondentes aos quatro pontos cardeais; próximo ao fundo do oriente fica o trono do Venerável Mestre e sobre ele um candelabro de três luzes, um malhete, uma pequena coluna em estilo jônico, além de duas cadeiras que ladeiam o trono do Venerável. À frente do trono, podemos observar o Altar dos Perfumes, tendo por base uma coluna torsa e sobre ela uma trípole, um turíbulo e uma naveta; mais adiante, à direita, estende-se o painel da Loja, à frente e um pouco à esquerda do altar do 1º Vigilante está uma pedra áspera, de forma e contornos irregulares, a chamada Pedra Bruta (referência ao estado em que se encontram os aprendizes quando se iniciam), no lado do altar do 2º Vigilante, outra pedra, mas de superfície lisa e polida, perfeitamente esquadrejada e de faces iguais, a chamada Pedra Cúbica (símbolo de perfeição iniciática).¹²

No ocidente, próximo à grade, está o Altar dos Juramentos e sobre ele o Livro da Lei, um Compasso e um Esquadro; perto da parede norte e próximo à coluna B, à esquerda do altar do primeiro vigilante, situa-se o Altar das Abluções, onde está o Mar de Bronze; ainda no ocidente, nos lados norte e sul, existem fileiras de assentos destinados, no norte, aos aprendizes e no sul aos companheiros, à frente, nos dois lados, há cadeiras ou poltronas destinadas aos Mestres. O teto do templo, de forma abobadada, é pintado e representa o firmamento, cuja tonalidade, azul-clara no oriente, vai, gradativamente, escurecendo em direção ao ocidente entremeado de nuvens.

A despeito de não concordarem, pelo menos publicamente, com a natureza sagrada dos seus templos, observamos que a própria linguagem utilizada repete uma estrutura universal. Senão, vejamos o que diz Eliade sobre alguns aspectos universais na estrutura dos templos.

A cabana sagrada, onde se realizam as iniciações, representa o Universo. O teto da cabana simboliza a cúpula celeste, o soalho representa a Terra, as quatro paredes as quatro direções do espaço cósmico.¹³

¹² Castro, s/d; Castellani, 2000.

¹³ Cf. Eliade, 2001, p. 45.

A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre dois modos de ser, profano e religioso.¹⁴ Nas grandes civilizações orientais – da Mesopotâmia e do Egito à China e à Índia – o templo recebeu uma nova e importante valorização: não é somente uma *imago mundi*, mas também a reprodução terrestre de um modelo transcendente. O judaísmo herdou essa concepção paleoriental do Templo como a cópia de um arquétipo celeste.¹⁵

A Sala dos Passos Perdidos é uma ante-sala do templo para a recepção de visitantes e Obreiros. Neste espaço deve permanecer o Livro de Presença e de registro de visitantes. Entre esta Sala e o Templo encontramos um compartimento onde permanecerá o Cobridor do templo durante o transcurso das sessões.¹⁶

O último ambiente a ser descrito é a Câmara de Reflexões, que é um pequeno recinto, com localização variável de acordo com as dimensões do Templo, onde se recolhe o profano antes da iniciação para elaborar seu testamento e responder ao questionário que lhe foi proposto. Nesta Câmara não pode haver a entrada de luz exterior, devendo ser iluminada por uma vela colocada sobre a mesa que se destina, com uma cadeira, ao uso do candidato. Nas paredes, de cor preta, figuram emblemas fúnebres, gravados com tinta branca. Na parede que defronta com a mesa estão pintados um galo, uma ampulheta e, abaixo, as palavras VIGILÂNCIA E PERSEVERANÇA e V.I.T.R.I.O.L. (iniciais de uma frase em latim que condensava uma orientação célebre entre os alquimistas: *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, ou seja, Explora o Interior da Terra. Retificando, Descobrirás a Pedra Oculta.).¹⁷ Finalmente, nas paredes laterais, lêem-se as seguintes inscrições:

¹⁴ Idem. Ibidem, p. 29.

¹⁵ Idem. Ibidem, p. 55.

¹⁶ Cargo dos oficiais da Loja encarregados de vigiar por sua segurança interna e externa durante os trabalhos. No vestibulo do templo, o Cobridor externo examina os visitantes que desejam penetrar, para certificar-se se são maçons, e na entrada o Cobridor interno (guarda do templo) os recebe depois de autorizado pelo Venerável, todos mediante a troca de toques, sinais e palavras de passe. Cf. Figueiredo, s/d.

¹⁷ Cf. Chevalier e Gheerbrant, 2001. Existem algumas traduções dessas iniciais, mas o sentido é muito próximo.

Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te.
Se queres bem empregar tua vida, pensa na morte.
Se tens receio de que descubram teus defeitos, não estarás bem entre nós.
Se és apegado às distinções humanas, retira-te, pois aqui não as reconhecemos.
Se fores dissimulado, serás descoberto.
Se tens medo, não vais adiante.
Deus julga os justos e os pecadores.
Somos pó e ao pó voltaremos.

Portanto, o que podemos observar é a clássica e nítida sacralização do espaço, procedimento comum e estrutural na história do fenômeno religioso. Mais um trecho esclarecedor de Mircea Eliade pode reforçar a nossa percepção sobre o espaço sagrado.

Para o homem religioso o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaços qualitativamente diferentes das outras. (...) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência forte, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único real, que existem realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.¹⁸

Assim, todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente.¹⁹

¹⁸ Cf. Eliade, 2001, p. 25.

¹⁹ Idem, p. 30.

REGULAMENTOS MAÇÔNICOS

A análise de alguns documentos da Ordem também nos parece um procedimento importante para discutirmos a natureza ambivalente da religiosidade maçônica. A Constituição do Grande Oriente do Brasil (GOB) é um desses documentos que podem nos auxiliar na reflexão sobre as questões aqui abordadas. Vejamos um dos seus artigos:

Art. 1º – A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.²⁰

Os princípios afirmados nesse artigo do documento maçônico envolvem dois universos de valores: de um lado, referenciados na tradição liberal dos séculos XVIII e XIX, aqueles que contribuíram como plataforma no processo de modernização que se desenvolveu naquele período a partir da Europa; de outro lado, aqueles originários de tradições religiosas diversas, como é o caso da superioridade do espírito em relação à matéria, do caráter iniciático e da prática desinteressada da beneficência. Além destes, encontramos na Constituição do GOB valores como o repúdio ao sectarismo religioso, político ou racial e a condenação da ignorância e da superstição. Encontramos, ainda, a defesa da liberdade de expressão, com a correlata responsabilidade e a proclamação de que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um.²¹

Seguindo com o texto da referida Constituição encontramos mais alguns princípios que, segundo entendemos, reforça a dita ambigüidade. Vejamos alguns deles:

²⁰ Cf. Constituição do GOB, 1996.

²¹ Idem Ibidem.

Art. 2º - São postulados universais da Instituição Maçônica:

I - a existência de um princípio criador: o Grande Arquiteto do Universo;

VII - a proibição de discussão ou controvérsia sobre matéria político-partidária, religiosa ou racial, dentro dos templos ou fora deles, em seu nome;

VIII - a manutenção das Três Grandes Luzes da Maçonaria: **o Livro da Lei**, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as sessões das Lojas e Corps.²²

O postulado I, a crença no Grande Arquiteto do Universo (G.A.D.U.) como um princípio criador, tem ligações com tradições religiosas antigas e reforça a afirmação do espírito sobre a matéria; por outro lado, tal concepção religiosa pode ser considerada deísta, ou seja, tem como base uma divindade que não dispõe de base moral ou intelectual e não atua no mundo, mas nem por isso é menos divindade.²³

Acreditamos que o postulado VII pode significar o reforço da divisão dos dois ambientes: o sagrado (no interior do templo) e o profano (no exterior do templo), com cada um desses ambientes estruturando normas próprias para o seu funcionamento. Além disso, é provável que essas proibições evitem fraturas no consenso interno quando no trabalho de Loja, onde foi criado um ambiente que permite um diálogo religioso sincrético que envolve a todos.

Com relação à presença do Livro da Lei, os registros evidenciam que é tradição inventada no século XVIII, obra da Primeira Grande Loja de Londres e que, mais uma vez, afirma traços de continuidade da maçonaria com antigas tradições religiosas. Além disso, o Livro da Lei pode variar de cultura para cultura, sendo em alguns lugares a Bíblia, noutros o Alcorão, em outros a Torá e assim por diante. Essa pluralidade religiosa também pode ser entendida como um conveniente relativismo, tendo em vista que a instituição funciona como um repositório amplo onde cabem todas as religiões, mas desde que conformadas a sua estrutura interna. Em outras palavras, a única estrutura invariável e, conseqüentemente, essencial, seria a da própria maçonaria.

²² Idem Ibidem.

²³ Cf. Johnson, 2001.

A consciência da dinâmica da tradição no interior da instituição maçônica, sobretudo do significado dessas estruturas invariáveis, pode ser observada em vários discursos de dirigentes maçônicos, como é o caso a seguir:

Isso se explica pela dualidade do sistema maçônico, que é democrático e autocrático, a começar pelo Venerável da Loja, que também é eleito, mas, uma vez empossado, passa a representar muito mais do que um presidente de clube, sob o aspecto místico, espiritual. Quem não conseguir entender tal dualidade, jamais vai conseguir ser um bom maçom, pois ora ele será espiritualizado em demasia, ora ele será materialista exacerbado. Em ambas as hipóteses, estarão em desacordo com a Maçonaria.²⁴ Evoluir na forma, nunca na essência – isto é Maçonaria.²⁵

Alguns outros aspectos da tradição maçônica podem ser, igualmente, abordados a partir dessa chave interpretativa da ambigüidade, como as que se seguem, por exemplo:

(...) Há muita coisa que precisa ser mudada no Grande Oriente do Brasil. Mas, há muita coisa, também, que só o espírito de mudar por mudar é que justifica a troca. O difícil é se ter sensibilidade para se identificar uma e outra coisa. E só se fará isso, só se acertará o procedimento, se todos se despirem de vaidades, de opiniões 'pétreas' e obtivermos, do Grande Arquiteto do Universo, a inspiração para o acerto. Ou será que a crença no G.A.D.U. deve deixar de ser obrigatória?²⁶

Se eliminarem o conteúdo intrínseco e a seiva da tradição da Maçonaria, ela se degenera a tal ponto, que estaria irreconhecível pelos que quisessem estudar e apreciar, bebendo nos cântaros da sua sabedoria.²⁷

²⁴ Idem. Ibidem.

²⁵ Manifesto lançado no Jornal O Esquadro em Maio de 2000.

²⁶ Entrevista concedida pelo jurista carioca Sylvio Cláudio ao Jornal O Esquadro de Abril de 2000.

²⁷ Manifesto lançado no Jornal O Esquadro em Maio de 2000.

Poderíamos continuar citando os termos do debate *ad nauseam*, mas o que nos interessa, no momento, é evidenciar que a dinâmica criativa, e não apenas reprodutiva, dos ambientes maçônicos – assembléias constituintes, trabalhos de loja, debates gerais, imprensa maçônica, etc. – suscitam as ambigüidades ora discutidas. Assim, a combinação desses valores, tradicionais e modernos, laicos e religiosos, hierárquicos e individualistas, imanentes e transcendentos, sagrados e profanos, originários de várias formas de religiosidade, nos propõe a existência de um ambiente, no interior da instituição maçônica, de confluência de tradições, valores e práticas religiosas, amalgamadas com princípios relativistas e de tolerância com a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o trajeto ainda a percorrer não nos permite avançar muito nas proposições, o que temos observado é que a hipótese segundo a qual podemos considerar a maçonaria como uma religião tem se mostrado consistente. As razões dessa consistência podem ser notadas na existência perene de uma comunidade de crentes, na referência a uma entidade divina, na existência de um espaço sagrado específico, na observação de regras rituais, simbologia e mitologia, estratégias endógenas de sustentação financeira e nas estratégias de cooptação de novos membros. Nesse sentido, a maçonaria poderia ser identificada como mais uma tradição religiosa.

Porém, destaquemos alguns elementos que a tornam uma estrutura ambígua. Primeiramente, as relações estabelecidas entre a maçonaria e as outras religiões são mediadas por uma forte disposição relativista, o que a torna explicitamente tolerante em relação às demais. Em segundo lugar, o indivíduo maçom dispõe da possibilidade de estabelecer múltiplos vínculos religiosos sem ser incomodado por qualquer ortodoxia. Outro elemento que podemos observar é que não há necessidade de declaração pública de adesão à maçonaria tampouco uma atitude proselitista. Por último, e talvez mais importante, é a própria legislação maçônica que, pela sua ambigüidade, permite ao indivíduo uma ampla margem de manobra no sentido de estabelecer vínculos flexíveis. Natu-

ralmente, estamos a afirmar todos esses elementos partindo do pressuposto de que não há, da parte da maçonaria, nenhuma atitude conspirativa, embora estejamos cientes de que também não se trata de um grupo de amigos, ou de filantropos. A natureza mesma das sociedades iniciáticas possui uma dimensão que dificilmente nossas estratégias metodológicas atuais conseguiriam captar, **mas isto é um tema para desenvolvermos posteriormente.**

A agenda relativa à pesquisa sobre a maçonaria apresenta inúmeros desafios. Entre eles, a compreensão da natureza das relações de confiança e lealdade entre os maçons e deles com a instituição, o nível em que as outras religiosidades seriam diluídas no interior do ambiente maçônico, a possibilidade de existência de uma lealdade em última instância à Ordem, a estrutura ritual e suas relações com as religiões estabelecidas e muitas outras questões que podem acabar por nos esclarecer um pouco mais sobre esse instigante universo dos Filhos da Luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLANI, José. **Dicionário de termos maçônicos.** Londrina: A Trolha, 1995.

_____; RODRIGUES, Raimundo. **Análise da Constituição de Anderson.** Londrina: A Trolha, 1995.

CASTRO, Boanerges Barbosa. **Templo Maçônico e Seu Simbolismo.** Rio de Janeiro: Editora Autora, s/d.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. (Orgs.) **A Invenção das Tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.